



# A Santa Sé

---

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI À POLÓNIA

***DISCURSO DO SANTO PADRE  
AOS REPRESENTANTES DO CONSELHO ECUMÉNICO  
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL POLACA  
E DE OUTRAS RELIGIÕES***

*Varsóvia, 25 de Maio de 2006*

*Igreja Luterana da Santíssima Trindade*

*Queridos irmãos e irmãs em Cristo!*

"Graça e paz da parte daquele que é, que era e que há-de vir, da parte dos sete espíritos que estão diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primeiro vencedor da morte e o Soberano dos reis da terra" (*Ap 1, 4-5*).

Com as palavras do Livro do Apocalipse, com as quais São João saúda as sete Igrejas da Ásia, desejo dirigir a minha calorosa saudação a todos os que estão aqui presentes, antes de tudo aos representantes das Igrejas e das Comunidades Eclesiais associadas no Conselho Ecuménico Polaco. Agradeço ao Arcebispo Jeremiasz da Igreja Ortodoxa Autocéfala a saudação e as palavras de união espiritual que me dirigiu há pouco. Saúdo o Arcebispo Alfons Nossol, Presidente do Conselho Ecuménico da Conferência Episcopal Polaca.

Une-nos hoje aqui o desejo de nos encontrarmos para, na oração comum, prestar honra e glória a Nosso Senhor Jesus Cristo: "Àquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue, e fez de nós um reino, sacerdotes para Deus e Seu Pai" (*Ap 1, 5-6*). Estamos gratos a nosso Senhor, porque nos reúne, nos concede o seu Espírito e nos permite além do que ainda nos separa de invocar "Abbà, Pai". Estamos convictos de que Ele intercede incessantemente em nosso favor, pedindo por nós: "para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que amaste a eles como a mim" (*Jo 17, 23*).

Juntamente convosco agradeço o dom deste encontro de oração comum. Vejo nele uma das etapas para realizar o firme propósito que fiz no início do meu pontificado, o de considerar uma prioridade do meu ministério a restituição da unidade plena e visível entre os cristãos. O meu amado Predecessor, o Servo de Deus João Paulo II, quando visitou esta igreja da Santíssima Trindade, no ano de 1991, realçou: "por muito que nos comprometamos pela unidade, ela permanece sempre um dom do Espírito Santo. Estaremos disponíveis para receber este dom na medida em que teremos as nossas mentes e os nossos corações abertos a Ele através da vida cristã e sobretudo através da oração". De facto, não nos será possível "fazer a unidade" unicamente com as nossas forças. Como recordei durante o encontro ecuménico do ano passado em Colónia: "Só a podemos obter como dom do Espírito Santo".

É por isto que as nossas aspirações ecuménicas devem estar permeadas da oração, do perdão recíproco e da santidade da vida de cada um de nós. Exprimo o meu regozijo pelo facto de que aqui, na Polónia, o Conselho Ecuménico Polaco e a Igreja católica romana empreendem numerosas iniciativas neste âmbito.

"Olhai: Ele vem no meio das nuvens! Todos os olhos o verão, até mesmo os que o trespassaram" (*Ap 1, 7*). As palavras do Apocalipse recordam que todos estamos a caminho rumo ao encontro definitivo com Cristo, quando Ele revelará diante de nós o sentido da história humana, cujo centro é a cruz do seu sacrifício salvífico. Como comunidade de discípulos, estamos dirigidos para aquele encontro com a esperança e a confiança que será para nós o dia da salvação, o dia do cumprimento de tudo aquilo que desejamos, graças à nossa disponibilidade a deixar-nos guiar pela caridade recíproca que o seu Espírito suscita em nós. Edifiquemos esta confiança não sobre os nossos merecimentos, mas sobre a oração na qual Cristo revela o sentido da sua vinda à terra e da sua morte redentora: "Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, por me teres amado antes da criação do mundo" (*Jo 17, 24*).

A caminho rumo ao encontro com Cristo que "vem sobre as nuvens", com a nossa vida anunciamos a sua morte, proclamamos a sua ressurreição, na expectativa da sua vinda. Sentimos o peso da responsabilidade que tudo isto exige; de facto, a mensagem de Cristo deve chegar a cada homem sobre a terra, graças ao compromisso daqueles que crêem n'Ele e que são chamados a testemunhar que Ele é verdadeiramente enviado pelo Pai (cf. *Jo 17, 23*). Portanto, é preciso que anunciemos o Evangelho, que sejamos movidos pela aspiração a cultivar relacionamentos recíprocos de caridade sincera, de modo que, à luz delas, todos saibam que o Pai enviou o seu Filho e ama a Igreja e cada um de nós, assim como amou a Ele (cf. *Jo 17, 23*). Tarefa dos discípulos de Cristo, tarefa de cada um de nós, é portanto tender para esta unidade, de modo a tornar-nos, como cristãos, sinal visível da sua mensagem salvífica, dirigida a cada ser humano.

Permiti que eu mencione mais uma vez o encontro ecuménico realizado nesta igreja com a

participação do vosso grande Concidadão João Paulo II e a sua intervenção, na qual ele apresentou do seguinte modo os esforços destinados à plena unidade dos cristãos: "o desafio que se apresenta é superar pouco a pouco os obstáculos (...) e crescer juntos naquela unidade de Cristo que é uma só, aquela unidade com a qual dotou a Igreja desde o início. A seriedade da tarefa proíbe qualquer precipitação ou impaciência, mas o dever de responder à vontade de Cristo exige que permaneçamos firmes no caminho rumo à paz e à unidade entre todos os cristãos. Sabemos bem que não somos nós que curaremos as feridas da divisão e que restabeleceremos a unidade; somos simples instrumentos que Deus poderá utilizar. A unidade entre os cristãos será dom de Deus, no seu tempo de graça. Tendamos humildemente para aquele dia, crescendo no amor, no perdão e na confiança recíprocos".

A partir daquele encontro muito mudou. Deus concedeu-nos fazer muitos passos rumo à compreensão e à aproximação recíprocas. Permite que eu recorde alguns acontecimentos ecuménicos, que naquele tempo tiveram lugar no mundo: a publicação da Encíclica *Ut unum sint*; os acordos cristológicos com as Igrejas pré-calcedónias; a subscrição em Ausburgo da "*Declaração Conjunta sobre a doutrina da justificação*"; o encontro por ocasião do Grande Jubileu do Ano 2000 e a memória ecuménica das testemunhas da fé do século XX; a retomada do diálogo católico-ortodoxo a nível mundial, o funeral de João Paulo II com a participação de quase todas as Igrejas e Comunidades eclesiais. Estou ao corrente do facto de que também aqui, na Polónia, esta aspiração fraterna pela unidade pode orgulhar-se dos sucessos concretos. Neste momento, gostaria de mencionar: a assinatura, no ano 2000, feita também neste templo pela Igreja católica romana e pelas Igrejas associadas no Conselho Ecuménico Polaco, da declaração do reconhecimento recíproco da validade do baptismo; a instituição da Comissão para o Diálogo, da Conferência Episcopal Polaca e do Conselho Ecuménico Polaco, à qual pertencem os Bispos católicos e os Chefes de outras Igrejas; a instituição das comissões bilaterais para o diálogo teológico entre católicos e ortodoxos, luteranos, membros da Igreja nacional polaca, mariavitas e adventistas; a publicação da tradução ecuménica do Novo Testamento e do Livro dos Salmos; a iniciativa chamada "Obra natalícia de ajuda às Crianças", na qual colaboram as organizações caritativas das Igrejas: católica, ortodoxa e evangélica.

Verificamos muitos progressos no campo do ecumenismo e contudo aguardamos sempre algo mais. Concedei que eu faça observar duas questões, talvez mais pormenorizadamente. A primeira refere-se ao serviço caritativo das Igrejas. São numerosos os irmãos que aguardam de nós o dom do amor, da confiança, do testemunho, de uma ajuda espiritual e material concreta. Fiz referência a este problema na minha primeira Encíclica *Deus caritas est*. Nela escrevi: "O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até à Igreja universal na sua globalidade.

A Igreja também enquanto comunidade deve praticar o amor" (n. 20). Não podemos esquecer a ideia fundamental que desde o início constituiu o fundamento muito forte da unidade dos

discípulos: "no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna" (*ibid.*). Esta ideia é sempre actual, mesmo se ao longo dos séculos tenham mudado as formas de ajuda fraterna; aceitar os desafios caritativos contemporâneos depende em grande medida da nossa colaboração recíproca. Alegro-me porque este problema tem um grande eco no mundo sob forma de numerosas iniciativas ecuménicas. Vejo com apreço que na comunidade da Igreja Católica e nas outras Igrejas e Comunidades eclesiais se difundiram novas formas diversas de actividades caritativas e também surgiram antigas com impulso renovado. São formas que com frequência unem a evangelização com as obras de caridade (cf. *ibid.*, 30).

Parece que, apesar de todas as diferenças que devem ser superadas no âmbito do diálogo interconfessional, seja legítimo atribuir o compromisso caritativo à comunidade ecuménica dos discípulos de Cristo na busca de uma plena unidade. Todos nos podemos inserir na colaboração a favor dos necessitados, servindo-se desta rede de relações recíprocas, fruto do diálogo entre nós e da acção comum. No espírito do mandamento evangélico devemos assumir esta atenciosa solicitude em relação aos irmãos que se encontram em necessidade, sejam eles quem for. A este propósito na minha Encíclica escrevi que: "para o progresso rumo a um mundo melhor, é necessária a voz comum dos cristãos, o seu empenho em "fazer triunfar o respeito pelos direitos e necessidades de todos, especialmente dos pobres, humilhados e desprotegidos"" (n. 30b). A quantos participam no nosso encontro desejo hoje que a prática da *caritas* fraterna nos aproxime cada vez mais e torne mais credível o nosso testemunho em favor de Cristo perante o mundo.

A segunda questão à qual desejo fazer referência, diz respeito à vida conjugal e à familiar. Sabemos que entre as comunidades cristãs, chamadas a testemunhar o amor, a família ocupa um lugar particular. No mundo de hoje, no qual se estão a multiplicar relações internacionais e interculturais, cada vez com mais frequência se decidem a fundar uma família jovens que são provenientes de diversas tradições, de diversas religiões, de diversas confissões cristãs. Várias vezes, para os próprios jovens e para os seus familiares, é uma decisão difícil que inclui vários perigos relativos quer à perseverança na fé quer à construção futura da ordem familiar, assim como à criação de um clima de unidade da família e de condições oportunas para o crescimento espiritual dos filhos.

Contudo, precisamente graças à difusão numa escala mais ampla do diálogo ecuménico, a decisão pode originar a formação de um laboratório prático de unidade. Por isso são necessárias as benevolências recíprocas, a compreensão e a maturidade na fé de ambas as partes, assim como das comunidades das quais provêm. Desejo expressar o meu apreço pela Comissão Bilateral do Conselho para as Questões do Ecumenismo da Conferência Episcopal Polaca e do Conselho Ecuménico Polaco que iniciaram a elaboração de um documento no qual é apresentada a comum doutrina cristã sobre o matrimónio e sobre a família e são estabelecidos princípios, aceitáveis para todos, para contrair matrimónios interconfessionais, indicando um programa comum de solicitude pastoral para esses matrimónios. Desejo a todos que nesta delicada

questão, seja incrementada a confiança recíproca entre as Igrejas e a colaboração que respeita plenamente os direitos e a responsabilidade dos cônjuges para a formação na fé da própria família e para a educação dos filhos.

"Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-Te a conhecer, a fim de que o amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também" (*Jo 17, 26*). Irmãos e irmãs, pondo toda a nossa confiança em Cristo, que nos faz conhecer o seu nome, caminhamos todos os dias rumo à plenitude da reconciliação fraterna. A sua oração faça com que a comunidade dos seus discípulos na terra, no seu mistério e na sua unidade visível, se torne cada vez mais uma comunidade de amor na qual se reflecte a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

---

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana